

AVALIANDO A ANSIEDADE CLIMÁTICA COMO UM NOVO CONSTRUCTO NA PSICOLOGIA

ANNA LAURA CANCELA DOMINGUES¹; MARIA NIEVES²; KAREN JANSEN³

¹Universidade Católica de Pelotas – anna.domingues@sou.ucpel.edu.br

²Universidade Católica de Pelotas – maria.nievess@outlook.com

³Universidade Católica de Pelotas – karen.jansen@ucpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

As mudanças climáticas são uma realidade. Há consenso científico de que o aquecimento global está acontecendo, é causado majoritariamente pela ação humana, seus efeitos já são observáveis e que mais aquecimento irá acontecer (FRITZE et al., 2008).

Certo nível de ansiedade tem sido entendido como uma resposta natural a elas, no entanto, quando a ansiedade é exacerbada, ela pode ser mal adaptativa, e por isso um novo constructo tem sido estudado. A ansiedade climática tem sido entendida como a angústia e preocupação relacionadas às mudanças climáticas; podendo ser conectada a emoções como medo, raiva, luto, desespero, culpa e vergonha (HICKMAN et al., 2021).

Estudos têm demonstrado níveis de ansiedade e preocupação com a crise climática em jovens filipinos (REYES et al., 2021), italianos (MARAN; BEGOTTI, 2021) e australianos (GODDEN et al., 2021). Em um estudo com dez mil jovens entre os 16 e os 25 anos de diferentes países, 59% reportaram preocupação com as mudanças climáticas, 45% disseram que seus sentimentos sobre mudanças climáticas afetam negativamente sua rotina e funcionamento e 75% afirmaram achar que o futuro é assustador (HICKMAN et al., 2021).

Uma vez que estudos sobre o assunto no Brasil e com a amostra brasileira são escassos, o objetivo foi avaliar a prevalência de preocupação com as mudanças climáticas, e descrever as emoções e os pensamentos a ela relacionados, em adultos brasileiros.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo transversal, com adultos brasileiros. A coleta de dados foi realizada no período de julho a agosto de 2022, por meio de questionários online, autoaplicáveis, digitados na plataforma Google Formulários. A amostra incluiu pessoas entre os 18 e os 42 anos que eram brasileiras e residiam no Brasil no momento da coleta de dados. A amostragem do estudo foi não probabilística e o desfecho do estudo foi a preocupação em relação às mudanças climáticas, obtida através da primeira pergunta do instrumento construído por Hickman et al. de 2021. As variáveis de exposição foram obtidas através de questionário sociodemográfico que incluiu gênero, idade, escolaridade, região do Brasil em que vive, classificação econômica, fonte das informações sobre as mudanças climáticas, frequência do recebimento das informações sobre as mudanças climáticas e a percepção do conhecimento sobre crise climática, sendo a percepção do conhecimento sobre crise climática obtida através de questionário construído pela autora.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No total, 330 sujeitos responderam o instrumento da pesquisa, destes seis se recusaram a participar do estudo e um foi excluído porque não havia completado 18 anos. Assim, 323 sujeitos foram elegíveis para participar do estudo.

A maioria da amostra foi constituída por mulheres (68,7%), tinha entre 18 e 26 anos (60,5%), era da região Sul (75,2%), tinha o ensino superior incompleto (47,1%), renda de um a cinco salários mínimos (81,7%) e se autodeclararam de cor da pele branca (83,2%).

Nessa amostra, 69,0% estava preocupado com as mudanças climáticas (muito ou extremamente), 19,5% reportou estar moderadamente preocupado e 11,5% não estava preocupado ou pouco preocupado. Somando aqueles preocupados com as mudanças climáticas com os que estavam moderadamente preocupados, obteve-se 88,5% da amostra. A preocupação foi mais prevalente entre os sujeitos que com maior frequência recebem ou leem notícias relacionadas às mudanças climáticas, não havendo diferença estatisticamente significativa entre as fontes de recebimento dessas notícias. Nenhuma variável sociodemográfica foi estatisticamente associada à maior prevalência de preocupação com as mudanças climáticas.

Os sentimentos de tristeza (85,5%), impotência (79,9%), medo (78,3%) e ansiedade (67,4%) foram reportados com maior frequência dentre aqueles preocupados com as mudanças climáticas. Os pensamentos mais frequentes foram: “As pessoas falharam em cuidar do planeta” (97,5%), “O futuro é assustador” (91,8%), “A segurança da minha família estará ameaçada (econômica, social, física)” (78,1%) e “A humanidade está condenada” (76,7%).

Dentre as pessoas que relataram preocupação, 34,6% disse acreditar que seus sentimentos em relação às mudanças climáticas afetam negativamente a sua vida diária; 34,7% relatou que quando tenta falar sobre as mudanças climáticas as pessoas o ignoram ou o rejeitam e 31,9% relataram não falar com outras pessoas sobre as mudanças climáticas.

Neste estudo, 88,5% da amostra relatou preocupação com as mudanças climáticas. As pessoas que se avaliaram como preocupadas relataram maior frequência de acesso a notícias relacionadas a crise climática e uma maior percepção de conhecimento relacionado a ela, quando comparadas às pessoas que não estão preocupadas com a crise climática.

A prevalência de preocupação neste estudo está em consonância com achados anteriores de taxas de preocupação maiores que 50% em suas amostras; porém nenhuma variável sociodemográfica foi estatisticamente associada a maior prevalência de preocupação com as mudanças climáticas, indo na contramão de estudos que encontraram associação entre pertencer a países em desenvolvimento e preocupação com as mudanças climáticas (LEE et al., 2015; HICKMAN et al., 2021) e de um estudo onde os mais velhos foram mais propensos a ter visões céticas, percebiam os impactos das mudanças climáticas como menos negativos e tinham níveis mais baixos de preocupação com as mudanças climáticas do que os entrevistados mais jovens (POORTINGA et al., 2019).

No que tange ao conhecimento, os achados de que pessoas preocupadas com as mudanças climáticas têm maior conhecimento sobre a crise climática quando comparadas às pessoas que não estão preocupadas vão ao encontro de achados de LEE et al (2015) e POORTINGA et al (2019). No entanto, cabe ressaltar que ambos os estudos citados tratavam sobre nível educacional, e esse estudo analisou a percepção de conhecimento da pessoa em relação à crise climática e não seu nível acadêmico.

4. CONCLUSÕES

Portanto, pode-se concluir que, no Brasil, há preocupação com as mudanças climáticas, bem como pensamentos e emoções a ela associados, contibundo para o entedimento geral sobre os impactos das mudanças climáticas na saúde mental das populações. Uma vez que estudos sobre ansiedade climática ainda são escassos e ainda não se tem bem delimitado o que seria patológico ou não, mais estudos se fazem necessários sobre o assunto.

Também merece destaque que sendo a crise climática uma questão global, patologizar toda e qualquer resposta emocional não parece ser o caminho apropriado para mitigar o impacto das mudanças climáticas e nem para acolher e cuidar das pessoas que possam se sentir paralisadas diante da angústia que sentem quando pensam no futuro do nosso planeta e da humanidade. A preocupação com as mudanças climáticas só deve ser entendida como uma patologia quando ela serve mais como um paralisante do que como um motivador para a ação. Esse cuidado em estudos futuros é de extrema importância para que respostas naturais de preocupação e ansiedade não sejam levemente entendidas como patológicas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FRITZE, J. G. et al. Hope, despair and transformation: climate change and the promotion of mental health and wellbeing. **International Journal of Mental Health Systems**, v. 2, n. 1, p. 13, 2008.

GODDEN, N. J. et al. Climate change, activism, and supporting the mental health of children and young people: Perspectives from Western Australia. **Journal of Paediatrics and Child Health**, v. 57, n. 11, p. 1759–1764, nov. 2021.

HICKMAN, C. et al. Climate anxiety in children and young people and their beliefs about government responses to climate change: A global survey. **The Lancet Planetary Health**, v. 5, n. 12, dez. 2021.

LEE, T. M. et al. Predictors of Public Climate Change Awareness and Risk Perception around the World. **Nature Climate Change**, v. 5, n. 11, p. 1014–1020, 27 jul. 2015.

MARAN, D. A.; BEGOTTI, T. Media Exposure to Climate Change, Anxiety, and Efficacy Beliefs in a Sample of Italian University Students. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 18, n. 17, p. 9358, 4 set. 2021.

POORTINGA, W. et al. Climate change perceptions and their individual-level determinants: A cross-European analysis. **Global Environmental Change**, v. 55, p. 25–35, mar. 2019.

REYES, M. E. S. et al. An investigation into the relationship between climate change anxiety and mental health among Gen Z Filipinos. **Current Psychology**, v. 42, 15 jul. 2021.